

ENTREVISTA COM MARIA CÉLIA LIMA-HERNANDES

AN INTERVIEW WITH MARIA CÉLIA LIMA-HERNANDES

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Amanda Heiderich Marchon (UFES)

Gesieny Laurett Neves Damasceno (UFES)

RESUMO: Nesta entrevista¹, queríamos ter a chance e dar a chance de nossa escolhida extrapolar as informações que podem ser acessadas pelo Currículo Lattes, não por não serem importantes, mas porque, muitas vezes, nós, pesquisadores e professores, realizamos e idealizamos projetos que não cabem no Lattes. Faremos aqui uma breve apresentação de nossa entrevistada; todavia, maiores detalhes de sua produção acadêmica podem ser conferidos em <http://lattes.cnpq.br/9911064074235775>. Maria Célia Lima-Hernandes é Professora Titular e Pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e tem estudado temas relativos à cognição e à linguagem, dentre os quais a atenção e a percepção via construções e princípios sintáticos. Além disso, tem se voltado à investigação da relação entre evolução da complexidade gramatical e fatores cognitivos. Tem também desenvolvido projetos sobre português como língua de herança e interculturalidade e tem atuado como pesquisadora no grupo de estudos interdisciplinares acerca da atuação da região occipital em cegos congênitos, em parceria com o Instituto Luiz Braille e com o Instituto Federal de São Paulo (IF-SP), orientando trabalhos interdisciplinares sobre a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), mindset de idosos, engajamento e inferência intercultural. Mais do que agradecer a solicitude em nos atender e reservar um tempo em suas atividades para tal, o que mais encanta em suas respostas é a paixão pela ciência e pela metodologia científica, uma constante preocupação em sua busca pelo conhecimento.

¹ As perguntas para a entrevista com a Professora Doutora Maria Célia Lima-Hernandes foram feitas com base no roteiro elaborado pela Professora Doutora Sílvia Figueiredo Brandão para recolha dos depoimentos dos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV/UFRJ).

Entrevistadoras: Em que ano você passou a atuar na USP? Sintetize sua relação com a universidade até o presente momento.

Maria Célia: Quando iniciei minha atividade docente na USP, no ano de 2000, já tinha longa estrada na rede particular de ensino. Era professora substituta. Ministrei uma disciplina intitulada **Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa I**, em que apresentava o panorama de variação e mudança linguística desde o Latim vulgar até o Português do Brasil, destacando as mudanças fônicas, morfossintáticas e sociolinguísticas e provocando reflexões sobre o preconceito linguístico em instâncias variadas, dentre as quais a da escola básica. No segundo semestre, atuei junto a uma disciplina vinculada à Etnometodologia e Análise da Conversação. Foram momentos de grande aprendizado para mim. Depois dessa experiência, concorri a mais um processo seletivo, o que, com a renovação do contrato, durou mais um ano. Em 2003, concorri a uma vaga de professora com carga horária completa de dedicação. Ali dividi o tempo do doutorado na Linguística da Unicamp com as aulas e os compromissos adicionais junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da FFLCH - USP, além da educação de minhas duas filhas, a prioridade das prioridades para mim. A carga e jornada de trabalho sempre são muito maiores para mulheres. Apesar disso, consegui ter sempre uma produção bastante adequada no campo científico de lá para cá. A USP me abriu oportunidades que nunca teria fora dali. O serviço público permitiu meu exercício autônomo tanto de pensamento quanto de ações. Sou muito orgulhosa de ter chegado aonde cheguei.

Entrevistadoras: Qual a linha de pesquisa a que você se vincula? Você atua eventualmente em interface com outra linha?

Maria Célia: A linha de pesquisa “gramáticas do português e de línguas em contato” é a que me vincula ao Programa de Pós-Graduação Filologia e Língua Portuguesa. É um espaço muito rico de estudos e de produção acadêmico-científica. Os docentes dessa linha são muito ativos e cobrem as várias frentes de demanda em estudos, sempre num contraste entre o português do Brasil e suas variedades, ou na comparação com outras línguas aparentadas ou não. Nela, desenvolvo três frentes de trabalho e projetos: com língua de herança, com línguas adicionais e com o desenvolvimento gramatical via aparato teórico-metodológico da Linguística Cognitiva.

Entrevistadoras: Como se intitula e em que consiste o projeto de pesquisa que você está desenvolvendo no momento?

Maria Célia: Estou à frente de dois projetos muito importantes e que foram frutos de intenso empenho em fronteiras de estudos. O primeiro – e mais antigo – é um projeto sobre evolução gramatical correlacionada à cognição. O segundo iniciou-se há quinze anos, quando buscava fortalecer o diálogo entre uma equipe interdisciplinar que aproxima a Linguística, a Psicologia, a Física, a Neurociência e a Medicina. Depois de tantos anos, tentativas inglórias e pequenos passos para fortalecer esse tipo de estudo – tão elogiado por todo comitê científico, mas que não recebe o devido fomento para dar vazão às boas perguntas que surgem –, coordeno um projeto Universal, financiado pelo CNPq, em que estudamos contrastivamente as respostas inferenciais de cegos congênitos e de videntes típicos por meio de ressonância magnética funcional. Para um estudo dessa natureza, contamos com a colaboração de algumas importantes instituições paulistas (Hospital das Clínicas da USP, Instituto Braille e Laramara para Cegos). Tenho aprendido muito e sinto, neste quase final de carreira científica, o gostinho da descoberta interdisciplinar inédita.

Um segundo projeto – muito precioso projeto de vida – tem sido desenvolvido em passos lentos, mas muito promissores sobre a sociocultura chinesa num espaço pós-colonial interessantíssimo. Nesse ambiente, passei a compreender melhor a história do Brasil e os efeitos de processos colonizatórios. Lido com manifestações socioculturais – língua, literatura, teatro e outras formas de expressão cultural – de uma razoavelmente minúscula população híbrida euroasiática. É uma comunidade que me encanta e me emociona desde 2010. São doze anos de um amor incondicional e de uma construção gradativa e intensa de amizades, que cada vez mais me ligam a raízes (que legitimamente não são as minhas) e a paixões que congregam em minha alma. Essa inexplicável ligação que sinto pelo lugar-cultura – mas principalmente pela comunidade de macaenses – só consigo entender e explicar por outras vias filosóficas ainda inadmissíveis no meio acadêmico-científico.

Entrevistadoras: Quais os modelos de análise que você vem adotando? Quais autores lhes serviram de inspiração?

Maria Célia: Nos dois projetos, aparentemente diferentes entre si, minha formação em Linguística grita muito alto. Inicialmente os pressupostos e método quantitativo da

Sociolinguística deram-me a base para compreender dinâmicas sociais por meio da língua de uma forma muito peculiar. Inspirou-me por anos o estudo sobre os pescadores de Martha's Vineyard, feito por Labov. Com o tempo, o método se sobrepôs às condições sociais, talvez porque essa articulação língua-dinâmicas social demande longo trabalho de campo e de observação, além de recursos financeiros compatíveis. Então, passei a ler uma produção cheia de tabelas e números e rala ou parca articulação social. Acho mesmo que foi nessa alta especialização em modelos matemáticos da Sociolinguística no confronto com o que eu observava na mudança operada na sociedade paulista e suas dinâmicas, que passei a me interessar por processos mais gerais. Foi inevitável o contato com Tom Givon. A genialidade desse linguista, talvez um dos mais referidos e citados ao longo do século XX – até a atualidade, somada às conversas que mantivemos despertaram minha atenção para algo mais específico e – ao mesmo tempo – mais geral nas sociedades do mundo todo: o componente cognitivo, porque somos todos humanos.

Essas conversas, principalmente quando eu cumpria o estágio pós-doutoral na China, justamente porque nos aproximava a experiência de vida na China, onde ele havia sido professor e também pesquisador, eram como bálsamo em minha vida, e me tornar aluna do cantonês foi inevitável. De analfabeta na China a falante pouco habilidosa do cantonês foi rápido. Aprendia melhor quando saía às ruas e prestava atenção aos contextos sociopragmáticos e às respostas mais produtivas. Fui aprendendo o básico.

Quando regresssei ao Brasil, imediatamente, matriculei-me num mestrado em Neurociências. Estudei muito e quase enlouqueço com os conteúdos biológicos e químicos. No entanto, tive um orientador fabuloso, um psiquiatra que incentivava a quebra de fronteiras entre as áreas e articulava equipes de discussão numa diversidade de áreas muito interessante. Ele, na verdade, queria entender melhor o que observávamos de nossas perspectivas. Um dos desafios num dado momento era saber se fórmulas químicas para tratamentos de patologias psíquicas poderiam afetar o processamento da interação linguística.

Foram tempos difíceis, pois tive que estudar ao mesmo tempo em que trabalhava muito. Minhas filhas foram peça fundamental nesse momento. Aos sábados, após as pizzas familiares, elas sentavam-se comigo à mesa e discutiam alguns textos em que eu me perdia entre fórmulas. As duas sempre gostaram muito dessa área bioquímica. Uma acabou se formando biomédica e a outra, psicóloga. Ensinaaram-me muito sobre métodos de compreensão bioquímica. Mas foi Givon, falante de algumas línguas chinesas, especialmente do sul da China, que, depois, se tornara o carvão que fazia arder minhas intuições sobre a

articulação interdisciplinar com estudos da Linguística. Sinto-me hoje realizada por conseguir fazer boas perguntas, mesmo que não consiga respondê-las pelas perdas que da doença deste século, a escassez do tempo, produz.

Nesse sentido, não tenho um modelo fixo para responder às questões que se apresentam. Desenvolvo cada passo na medida exata das necessidades locais, já que lido com objetos teóricos tão dinâmicos quanto são os perfis de pós-graduandos que me buscam para orientação. Hoje, temas ligados à identidade familiar (língua materna, língua de herança, língua ancestral, língua de raiz e línguas adicionais) nos conduzem a *designs* metodológicos que envolvem árvores genealógicas, genogramas em cotejo com pesquisa documental e etnometodologia orientada por questões distratoras aprendidas com Labov e Malu Braga, no meu mestrado em Sociolinguística. Outras foram demolidas no contato com Walt Wolfram, e em muito me liberou de modelos rígidos e situados que nem sempre explicam o que os dados revelam.

Nas pesquisas sobre Cognição, os métodos neurocientíficos que aprendi têm sido limados pela metodologia trazida por médicos oftalmologistas (porque nem todos que não enxergam podem ser encaixados na categoria de cegos congênitos ou totalmente cegos), por físicos (porque nem tudo pode, ainda, ser investigado por ressonância magnética funcional, o que torna a forma de cercar o objeto um problema primário), por psicólogos (porque a forma de abordagem do tema e os resultados pretendidos são problemas associados, de forma não categórica, à resposta a ser considerada) e um tanto de outros problemas suscitados, inclusive pela Linguística (posto que inferir não se constitui a leitura em si). Um cego infere e emite sinais muito bem localizados em regiões occipitais tanto quanto um vidente. Como discernir o processo em um e em outro é a questão inicial e como a complexidade da metáfora pode interferir nesse processamento é a questão que se desdobra.

Acho mesmo que os métodos são muito importantes, mas para que possamos desenvolver métodos adequados ao tema, ou tematicamente situados, precisamos ter a liberdade de experimentar caminhos, que poderão, a posteriori, serem validados por outras equipes. Essa liberdade nem sempre é muito bem-vinda na Linguística *hard*, e as respostas acabam sendo sempre as mesmas como se estivéssemos em eterno treinamento sobre o método e não buscando respostas para problemas relevantes na sociedade.

Entrevistadoras: Quais avanços do funcionalismo na contemporaneidade você destacaria?

Maria Célia: Depois de tantos anos lendo tantos trabalhos funcionalistas, tenho a convicção de que *funcionalismo* é uma generalização imprópria. Nunca foi um só, nem partido de um único ponto. Sempre caminhou mesclado a outros movimentos científicos, a outras áreas científicas também. Melhor seria falar em “funcionalismos”. Há funcionalistas que mapeiam objetos investigativos com uma linguagem totalmente estruturalista, e sofrem um pouco mais para explicar fenômenos de incorporação sintática (com incorporação cognitiva, via reanálise) e o sintagma não é mais bem-vindo para esse terreno. Há funcionalistas que conseguem fazer essa transposição, demonstrando que os sintagmas corrompidos em sua fronteira à direita podem ter se gramaticalizado para, depois, gerar um novo item lexical. Isso não seria possível de ser dito há muito pouco tempo atrás. Leiamos Maria Helena de Moura Neves e Ataliba Teixeira de Castilho. Como podem perceber fenômenos de mudança como algo dinâmico, apresentando novos rótulos para estes e não se constrangerem de utilizar elementos de sua formação mais estruturalista? Eles tiveram o contato com pesquisas de fundo sobre fenômenos linguísticos dinâmicos e foram fazendo ciência ao mesmo tempo em que foram construindo as pontes necessárias entre as escolas linguísticas. Eles são exemplos nítidos de como os funcionalismos foram avançando, justamente porque tanto um quanto outro pisam sem cerimônia alguma o campo da Cognição com uma clarividência impressionante. O que explica isso? A própria dinâmica científica, a dinâmica do conhecimento, a dinâmica que impõe o estudioso mais experiente para orientar o caminho de teses e dissertações intuídas em sua fase incipiente por linguistas mais jovens, em formação. Em suma, os desenvolvimentos dos vários funcionalismos que identificamos nas publicações diversas traduzem o contato entre o funcionalismo do Círculo Linguístico de Praga e as várias áreas de conhecimento ali representadas, também há o contato entre leituras que fazem o perfil do funcionalismo ser tão difuso, oferecendo as respostas a novas questões sempre num modelito novo. Uma ciência que se enrijece em métodos naturalmente não pode responder a fenômenos progressivamente complexos. Estar aberto ao novo, e modular as ações pelo que teoricamente foi bem construído, é um trabalho que coloca em campo o funcionalista experiente e o jovem pesquisador.

Entrevistadoras: Desde sua proposição, a concepção de gramaticalização vem passando por reformulações. Como você entende esse conceito atualmente?

Maria Célia: Na dissertação de Mestrado que desenvolvi na USP, gramaticalização era um processo (entre os grupos funcionalistas, especialmente), mas também era um paradigma (entre os formalistas, especialmente). Obviamente, houve uma dança das cadeiras na ciência linguística com o advento das Neurociências e suas surpreendentes descobertas. Muitos formalistas passaram a olhar para objetos em seu processamento e muitos funcionalistas passaram a olhar para objetos em sua representação mais formal. Ambos migraram para um lugar mais confortável de análise. No entanto, passou a existir um ponto evidentemente mais comum entre eles: gramaticalização é um processo que impacta o paradigma linguístico, atendendo a mecanismos cognitivos (metáfora e metonímia) e a universais com forças internas (da própria história semântica do item) e com forças externas (das intenções discursivo-pragmáticas localmente situadas).

Há, ademais, um outro componente que entra nesse jogo da gramaticalização, que é a face da apreensão/compreensão do *output* (porque as máximas da cooperação fazem com que o falante não atualize o que pressupõe que o outro já tenha disponível). Há um elemento fundamental para esse cálculo que todo falante faz projetivamente: as frequências de uso (*type* e *token*). Logo, gramaticalização poderia ser definida (incompleta, mas suficientemente no momento) como um processo de fundo paradigmático que atende a mudanças cognitivas, motivadas contextual e pragmaticamente, considerando sua trajetória de revestimento de traços etimológicos. Com o perdão do exagero e “crime” científico que cometerei, do ponto de vista dos puristas da Ciência: gramaticalização é o resultado de mudanças operadas numa gradativa complexidade acoplada sincrônica e diacronicamente (como um produto), durante os estágios da comunicação ontogênica em resposta a processos atricionais que impactam as condições mais ou menos estáveis da comunicação filogênica (como um processo).

Entrevistadoras: Quais os principais temas que você tem abordado em seus cursos e em suas pesquisas?

Maria Célia: Tenho investido em cursos que tragam para a discussão os efeitos da superdiversidade numa paisagem linguística específica. Embora meus cursos sejam atrelados à área de Língua Portuguesa, as aulas trazem para o debate alunos ávidos de conhecer como línguas nascem, morrem e se interferem mutuamente, muitas vezes sem o contato físico materializado por imigrações e colonização, por exemplo. Desses interesses surgem discussões sobre a literatura híbrida, línguas-culturas pós-coloniais, identidades híbridas,

bilinguismo como condição de língua materna em famílias imigrantes, processos atricionais, dentre uma variedade de tantos outros vieses e questões que surgem a depender da demanda das turmas na leitura dos textos que proponho como norte de reflexão.

Entrevistadoras: Poderia comentar alguns dos resultados de suas pesquisas e daquelas que você tem orientado? Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Maria Célia: Creio que os trabalhos que tenho orientado contribuem primariamente para o autoconhecimento desses pesquisadores. O primeiro trabalho que faço quando recebo um aluno interessado no tipo de pesquisa que desenvolvo é conhecer melhor esse aluno, sua história familiar, seus ideais de vida. Muitos chegam querendo replicar estudos que já estão feitos. Querem uma oportunidade de seguir na vida acadêmica, mas não sabem por onde começar. E eu, por outro lado, só aceito seguir adiante se houver uma contribuição que impacte positivamente o campo de conhecimento. Conhecer o potencial do aluno, saber no que ele pode contribuir é uma tarefa inicial para orientador e orientado. Eu procuro me alinhar a essa descoberta e ajudo a delinear esse processo de autoconhecimento via pressupostos e métodos científicos que conheço. Quando não conheço, volto a estudar, vou assistir a aulas em outras áreas, vou interagir com especialistas. Acabo me oxigenando para acolher mais adequadamente a proposta.

Com o tempo, acabei ganhando maior liberdade de reflexão; desvinculei-me de modelos rígidos e de grupos que tentavam colocar uma espécie de “cabresto” ou camisas de força teóricas que não se podiam adicionar nenhum ponto além do que ali estivesse. Atualmente, olho para o problema que se apresenta, identifico junto com o pesquisador envolvido a parte legítima que lhe compete considerando o tempo e o grau de maturação, dali projetando hipóteses científicas. Oriento caminhos de estudos, sugiro disciplinas que possam abrir ainda mais a visão sobre o fenômeno a ser estudado. Coloco o pesquisador em contato com as reuniões de grupo, e algo fantástico vejo acontecer: as pessoas entusiasmam-se com o percurso de cada um.

Aprendi devagarzinho a ser orientadora. Aprendi com erros e acertos; estes últimos exemplificados pela maioria dos trabalhos. No grupo de pesquisa *Linguagem e Cognição* (LinC-USP), as contribuições são inúmeras, muitas das quais com reflexos em pesquisas internacionais, especialmente no campo das línguas de herança.

Entrevistadoras: Quais de suas publicações você considera mais relevantes e por quê?

Maria Célia: Todas as publicações foram em seu momento relevantes para o conhecimento situado. Todos os textos, sem exceção, que escrevi foram feitos ineditamente. A cada convite procuro saber o que esperam de mim exatamente. De imediato, verticalizo o tema em leituras. Vou fichando textos e procurando identificar um problema relevante para minha proposta de discussão.

Talvez eu pudesse dizer que a mais importante publicação que fiz foi a tese de meu doutorado, quando vivi experiências científicas cruciantes para minha formação e para o que sou hoje como pesquisadora. Tive uma orientadora brilhante (Maria Luiza Braga), e uma banca que leu e identificou pontos frágeis durante o exame de qualificação – Anthony Naro, Maria da Conceição Paiva, Sebastião Carlos Gonçalves – este último meu colega durante todo o doutorado na Unicamp e perspicaz linguista, filho acadêmico de mesma orientadora. Aprendi, convivendo com o grupo da UFRJ – o do Censo Linguístico – como se faz uma respeitável pesquisa sociolinguística. Foram tantos colóquios com minha orientadora e perguntas tão inteligentes que ela me fazia, que não havia como dizer que minha tese não foi importante na minha vida. Foi, de longe, o trabalho de que tenho as melhores lembranças pela aprendizagem contínua. Dizem que o doutorado é um trabalho solitário. O meu não foi. Tive jantares e almoços e cafés que eram verdadeiros colóquios científicos.

Seria, no entanto, injusto se eu dissesse que foi o único bom trabalho de minha vida. Aprendi na vida que os trabalhos são como filhos, são únicos e pedem intenso dispêndio de energias, de tempo de convívio, de atenção, de sol, de paisagens. Cada trabalho é um trabalho, é uma publicação diferente. É o fruto de horas e horas de empenho e estudo num subtema específico das questões que nos enriquecem a vida. Assim foi minha tese de livre-docência, com defesa emocionada, já que estava num ambiente de amor pleno, cercada de meu grupo de pesquisa, da Malu Braga, da Maria Helena de Moura Neves, de colegas de área, gente que é humilde diante do conhecimento e perde seu tempo indo ouvir uma colega falar sobre suas descobertas.

A tese de titularidade não foi diferente. Dediquei-a às minhas filhas e ao meu neto, e a todos os que ocuparam a posição de meus professores antes daquele momento (fossem eles meus atuais colegas, fossem eles meus orientandos, que tanto me ensinaram com sua conduta firme

de estudo e de humildade no aprender). Trabalhei com a síntese de minhas descobertas na área da cognição.

Entrevistadoras: Como você tem concorrido para a formação de recursos humanos?

Maria Célia: Lidero o Grupo de Pesquisa *Linguagem e Cognição* na USP (LinC-USP), prolífico desde 2006. Formei até hoje 19 mestres e 10 doutores. A maioria deles continua vinculada ao LinC-USP, produzindo intensamente. Alguns são professores de universidades públicas, mas todos estão atuando em algum campo da especialidade. Atualmente, oriento 10 doutorandos e 2 mestrados. Alguns desses fizeram cotutela com dupla titulação em universidades de alguns países em que tenho parceiros (Alemanha, Portugal), e outros foram coorientados por parceiros sem duplo diploma (China, Portugal, França, Uruguai e Itália). Orientei e oriento vários projetos de iniciação científica. Alguns desses alunos se formaram mestres e doutores também no LinC-USP. Alguns fizeram e outros fazem pós-doutorado por aqui também. Além desses, recebo continuamente pesquisadores como visitantes no LinC-USP. Alguns têm interesse em aprender técnicas de pesquisa no campo, outros vêm oxigenar a mente e outros ainda permanecem por um ano de estágio para desenvolver projetos. Alguns fazem pós-doutorado, outros só se beneficiam das leituras e discussões. Tenho aprendido muito em todos esses espaços de interação.

Entrevistadoras: Quais os seus planos futuros em termos de pesquisa?

Maria Célia: Meus atuais planos têm um prazo bem delimitado. Pretendo, até 2025, concluir os dois projetos em andamento: Universal sobre inferência de cegos congênitos e o Individual sobre a Sociocultura Chinesa. Depois de 2025, seguirá comigo somente o último, do qual tenho vasta documentação a ser explorada e pouco tempo para essa dedicação. Pretendo também concluir todas as orientações até 2025, mas isso já não depende só de mim, naturalmente.

Entrevistadoras: Quais as principais parcerias que você tem firmado com pesquisadores da USP ou de fora dela (instituições brasileiras e/ou do exterior)?

Maria Célia: Coordeno convênios internacionais com a China (Sichuan e Macau) e com Portugal (Évora) e Itália (Roma). Tenho parceiros em vários países do cenário global, alguns dos quais enviam seus alunos para uma formação mais especializada no LinC-USP e eu mesma vou inserindo meus alunos nesse universo de intercâmbios.

Na China, tenho vários parceiros de pesquisa. O mais frequentemente associado ao meu nome é o Roberval Teixeira e Silva, por termos publicado muitos trabalhos sobre a sociocultura de Macau. Mais recentemente, Xiang Zhang, doutorado pela USP, é uma promessa de parceria relevante na China. Além dele, o teatrólogo Miguel de Senna Fernandes e o professor Jorge Morbey podem ser listados como os que me inspiram a ir debatendo temas sobre a China. Não posso esquecer do Alan Baxter, que me acolheu em meu primeiro estágio em Macau, com uma generosidade ímpar, e da Maria José Grosso, que me acolheu no segundo estágio e me deu oportunidades grandiosas de convivência com seus alunos de graduação e de pós-graduação.

Na USP, meus parceiros são tantos que mal consigo listar aqui. A USP é um enorme dinossauro que oferece muitas possibilidades de interação. Meus mais frequentes parceiros estão na Escola de Educação Física e Esportes (Elisabeth Mattos), no Instituto de Física (Said Rabbani e Hernán Joel Cervantes), no Instituto de Psicologia (Fraulein de Paula e Briseida Dôgo de Resende), na Faculdade de Educação (Tizuko Murchida), creio. Nas Letras, meus parceiros são mais episódicos, talvez pela própria distância entre as linhas de pesquisa, mas há três nomes que mais frequentemente aparecem associados ao meu no Lattes, que é a Patricia Carvalhinhos (Onomástica e Toponímia), o Manoel Mourivaldo S. Almeida (Filologia) e Marcelo Módolo, funcionalista com que dialogo mais frequentemente numa mesma linguagem.

Há universidades brasileiras com que interajo com maior frequência e nos motivamos em nossas pesquisas: a UFRJ (Violeta Rodrigues), a UFF (Nilza Barrozo Dias e Jussara Abraçado), a UFMT (Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque) e um tanto de outras que mais episodicamente alimentam minhas reflexões no campo da Linguística.

Entrevistadoras: Quais os principais desafios que você tem enfrentado nos campos da pesquisa e do ensino?

Maria Célia: No ensino, vivemos um momento em que o céu de brigadeiro já não é cenário nem perspectiva. Houve a pandemia, que impactou negativamente as interações entre

professores e alunos. Estamos reiniciando o fortalecimento das interações face a face e tenho vivenciado experiências tão ricas quanto antes da pandemia.

No campo da pesquisa científica, o maior desafio é falar a linguagem que o cientista de outras áreas de conhecimento possa compreender. Nas áreas da Psicologia com que tenho contato, antes desse advento, aquisição de linguagem só tinha uma referência, Chomsky. Os funcionalistas precisam escrever obras de divulgação científica para pessoas que estão em outros campos de reflexão. Precisamos dizer que há grande diferença de pressupostos teóricos entre formalistas e funcionalistas, assim como há imensa diferença entre alguns formalistas e também entre alguns funcionalistas.

O namoro com a área da Física levou um ano só para que compreendessem o que exatamente dizíamos a respeito de “dinâmicas de mudança”. Foram aulas que nos deram sobre dinâmicas de mudança que fizeram com que eu percebesse quais eram esses entraves que nos afastavam. Na sequência, começamos a apresentar nossos trabalhos e questões e buscamos nos encontrar no método. Foi o lugar mais seguro para iniciarmos os trabalhos. Eles sempre eram hábeis na objetividade do *design*. Isso trouxe grande contribuição para minha visão de mundo científico. O mesmo, guardadas as devidas diferenças de objetos, vivenciei na Psicologia. E tem sido assim. Dias de verdadeira oxigenação. De extração de vícios metodológicos (repetições cegas sem reflexão sobre outras formas de ação). Creio que esse seja o maior desafio para a Ciência contemporânea. Afastar a preguiça de se explicar de modo simples para o outro e estar aberto a aprender continuamente.